



A perda de Olívia

Wilton José de Araújo Martins *

Mestrando em Linguística Teórica e Descritiva na UFRN e especialista em Literatura e ensino pelo IFRN.



<https://orcid.org/0009-0007-9534-3063>

Recebido em 07 mai. 2024. Aprovado em: 07 fev. 2025.

Como citar esta produção artística:

MARTINS, Wiliton José de Araújo. A perda de Olívia. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e-2359, abr. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17809558

Porque deixou a janela do quarto aberta na noite anterior, Olívia acordou com o sol se erguendo no horizonte: mais quente, luminoso e vigoroso do que o normal. Em silêncio, sentou-se na cama, pensativa. Ao mesmo tempo que ponderava, amarrou os compridos e grossos cabelos negros e arrumou a cama. Seguidamente, dirigiu-se ao banheiro e tomou um susto quando descobriu os seus olhos inchados. O cabelo também estava mudado, adquirira mais fios brancos. E aquela camiseta que usava, por que se apresentava tão amassada? Apesar dos espantos, ela tinha as respostas.

Foi ao quarto dos filhos e, silenciosamente, abriu a porta, encontrando o vazio. Depois, caminhou até o escritório e se deparou com o nada. Então, vagou para o outro banheiro da propriedade. Também não tinha ninguém lá. Ele foi mesmo embora, falou baixinho montando a cafeteira, agora eu estou sozinha de verdade nessa casa. . . E pensou nos filhos. O mais novo conseguiu um emprego no exterior, faz anos que não aparece em casa, mas telefona frequentemente para tranquilizá-la. O mais velho está perto e a visita uma ou duas vezes por semana com a família. A mulher novamente lembra de Getúlio. Mais de trinta anos com aquele desgraçado para me deixar. Disse que estou acabada, perdi o brilho, fiquei chata! O canalha

*

Wiltonjoseam@gmail.com



ainda teve a coragem de dizer que estava cansado de mim. . . Comeu bolachas e tomou café nervosa.

Logo aquela solidão agoniou Olívia. Até ontem, ali, havia o vulto do ex-marido. Agora, sentia uma solidão horrível, que era ressaltada com a quietude, a ausência de qualquer ruído de fora, parecendo que só ela estava viva. Nem bicho na casa havia, a cãozinha Toty morreu fazia anos, Zezinho, o periquito, fugiu e, dos peixinhos coloridos, não restara nem sequer o aquário. Cogitou sair e visitar parentes e amigos, até se levantou com pressa da cadeira. No entanto, desistiu, ao avaliar que era cedo e principalmente ao imaginar que, de uma forma ou de outra, chegariam ao assunto da separação. Poderia telefonar para o filho próximo, se ele não estivesse trabalhando o dia todo. Nem com a diarista podia contar, já que, repentinamente, avisara-lhe que não viria mais. Sendo assim, ela ligou o rádio, a companhia podia ser a virtual do locutor, e, para passar o tempo, decidiu fazer a faxina.

Iniciou pela cozinha, que é a parte que dá mais trabalho, e foram-se horas. Na sequência, espanou a sala de estar, o escritório, os quartos. Limpava com esmero cada móvel e objeto. Ao começar a passar o pano, acreditando faltar apenas os banheiros, lembrou-se do quartinho dos troços. Se o cômodo não fosse físico, já o teria esquecido há muitos anos, quem entrava nele era a diarista. Olívia encostou o rosto na parede e dirigiu-se ao recinto.

Naturalmente, girou a maçaneta e empurrou a porta. Mas ela se mostrou emperrada, fechada não está, garantiu. Sendo assim, sacudiu a maçaneta com insistência até a porta abrir. Quando enfim abriu, no automático, a mulher buscou o interruptor, e viu que a lâmpada não funcionava. O lugar se encontrava com alguns troços velados. Outros, devido à escuridão, pareciam sombras inquilinas adormecidas. Dessa forma, abriu a janela e, vendo que já era fim de tarde, trocou a lâmpada.

Olívia ali ergueu um lençol e reencontrou a vitrola antiga do avô! Nesse instante, soltou um ar de surpresa. Não era uma vitrola qualquer, era um tesouro material que lhe foi passado. Ela recorda que os dois costumavam ouvir atentos às canções. Não entendia o que as letras diziam, mas as achava tão bonitas, ainda mais se as ouvia na voz de Elis Regina. Embora menina, ela adivinhava quando a artista cantava. Ao lado da caixa de som, viu uma pilha de discos.

Ulteriormente, notou, sob esses objetos, a escrivaninha onde estudava e escrevia no diário. O diário. . . onde está? Perguntou-se, desejando encontrá-lo. Ela abriu as gavetas



daquela mesa à procura, e encontrou um estojo de lápis, uma lista de convidados, o diploma de 1986, um cartaz de Legião Urbana, uma medalha, um brinco sem o par, desenhos e textos autorais, só faltou o diário, que foi esquecido em razão do tanto de coisa que encontrou. Olívia sentou-se na cadeira e olhou minuciosamente para os desenhos e textos, porque neles estava o que pensava na adolescência, para ela, uma fase caótica, intensa, cheia de aspirações.

A mulher inquietou-se e puxou o lençol do lado esquerdo, encontrando uma estante. Era baixa e nela estavam os seus livros de ficção. Admirada, Olívia sentou-se no chão e pôs-se a dedilhar, concentrada, cada exemplar. Embora não se lembrasse exatamente do enredo, ela leu todas aquelas obras. Podia, por exemplo, comentar sobre o destino de *Édipo Rei*, acerca da humanização da cachorra Baleia, de *Vidas Secas*, dizer o que a inquietou quando leu *Hamlet*, falar do maravilhamento que Água viva provoca e porque achava a prostituta Judite a verdadeira heroína de *Nome de Guerra*. De repente, na sua mente, ressurgiu a madrinha Isabel, quem lhe presenteou com vários daqueles livros, pois via nela gosto pelas palavras. Olívia se desfocou e notou, ao lado da estante, dois baldes de tinta da última reforma. Voltou a cabeça para trás, o pescoço doía, e viu retratos na parte superior da parede. Levantou-se do chão e começou julgando quem ficou feio, quem ficou bonito, quem engordou, quem emagreceu, quem ficou rico, quem ficou pobre, quem morreu, quem ela nunca mais viu, de quem se aproximou, de quem não é mais amiga. . . Ela parou quando chegou à foto com a qual se vê que já foi muito feliz. No registro, está com o grupo de melhores amigos, prontos para irem a um show. Observou atentamente a imagem, e foi capaz de reviver, apesar dos lapsos, aquela aventurosa noite. Estavam em um estado vizinho, hospedados na casa da amiga Luana. E decidiram beber antes de irem à festa, para dar uma animada. Então se arrumaram, pegaram um ônibus e desceram na praça central, tinha um plácido e belo lago! Em frente, compraram bebidas e petiscos em um mercado e desceram para o lago. Beberam, comeram, conversaram. Quando caminhavam em direção ao show, um homem os seguiu e todos andaram depressa. Felizmente, desistiu. Mas por causa do susto, tomaram um táxi, Olívia não sabe como couberam todos em um carro só. Ela recorda que dois amigos que estavam indo forçados para o evento foram os que mais dançaram com ela e que Luana, a mais reservada do grupo, ficou muito exaltada e queria beijar todo mundo. Crê que foi nessa ocasião que só chegaram em casa no meio da manhã, na hora em que Luana já havia dormido um pouco, e pôde disfarçar a embriaguez para os genitores. Naquela época, a turma pensou que tinha obtido êxito no disfarce, mas estava redondamente



enganada. Agora Olívia supõe que os pais não falaram nada porque eram muito compreensivos e sabiam que os amigos da filha eram amigos mesmo.

No lado direito do quartinho, Olívia encontrou uma poltrona que até pouco tempo ficava na sala, um sapato de Getúlio, um ar-condicionado quebrado, um abajur, uma barraca de acampamento dos filhos encaixotada e uma cômoda. Pela primeira vez, reparou o espelho ao lado da entrada.

Dentro da cômoda, descobriu um quadro que fez na escola, menina ainda, e reagiu colocando a mão na boca e dizendo eu não acredito! A professora Antonele gostou tanto daquele desenho que lhe comprou um suporte para pendurar em casa. Se trata de uma andorinha com a asa enfaixada sobrevoando um campo cheio de plantas espinhentas. No canto direito e inferior, em letras miúdas e quase apagadas, tem: A ave caiu e se feriu, mas colocou um curativo e prosseguiu, pois sabia que os espinhos não estavam em toda parte. Após ler isso, ela viu o quadro duplicado, o soltou e sentou-se no chão, enfraquecida.

Passados alguns minutos, abriu as gavetas restantes e localizou, no meio de poucas roupas, um vestido da sua mocidade. Amarelo, com decote do tipo canoa e comprimento até os joelhos, olhou nostálgica para a peça. Podia ouvir a canção *Tropicana* de Alceu Valença e se ver, autoconfiante, dançando em uma festa de rua no Recife. Adorava sair e ser vista, era uma mulher muito formosa, e todos reconheciam isso. Naquele tempo, tinha tanta jovialidade, tanta graça, tanta alegria...

Olívia colocou o vestido sobre a cômoda e afastou-se devagar olhando em volta. De um minuto para outro, as coisas lhe afiguraram sem beleza, sem glória, sem vida. Dormentes. Não pareciam mais suas. Como essas coisas vieram parar aqui, meu Deus? Se questionou e, depois de pensar, rememorou que foi ela quem, aos poucos, as confinou naquele quarto. Os filhos ainda eram pequenos, o negócio do marido prosperava, não faltava gente batendo na porta a requerer o seu serviço. Tinham uma empregada, contudo a casa era enorme e a cozinha e a educação dos meninos eram responsabilidades da dona. Faltava-lhe tempo, é certo. Lembra-se que era muito difícil, sacrificante, no início, e reclamava para si mesma da falta de tempo, mas depois se acostumou. Apesar disso, reconhece que chegou o dia em que escrever poesia, desenhar, assim como aceitar os convites dos amigos, não faziam mais sentido para ela. Foi aí que guardou o restante dos móveis e objetos no quartinho. Após pensar nisso, Olívia desabafou a velha angústia: da rotina sempre conhecida e do tempo e da energia que lhe escorriam. Mas



raciocinou e viu que não poderia ter sido de outro modo. Seus filhos e Getúlio precisavam dela. Não pôde deixar de ser a melhor mãe e esposa. Não deixou de ser nem quando as crianças cresceram e desconfiou que o marido a traía.

Mesmo conhecendo os seus motivos, não sabia como viveu esses anos todos indiferente àquelas coisas. Felizmente, não se desfez delas. As olhou com compaixão, piedade e sentiu ter renunciado uma parte fundamental de si mesma, e essa parte se fazia lembrada com aqueles materiais concretos, físicos. Ocorreu-lhe o pensamento relâmpago e criativo de que eles eram como lápides de cemitério, que memorizam e, desse modo, atestam que um dia uma determinada pessoa esteve aqui, e fazem com que a sua existência não seja esquecida pelo impiedoso tempo. Em seguida, Olívia começou a duvidar da ideia de renúncia, ponderou e ponderou e se corrigiu: foi a vida que fez isso comigo e eu deixei. É como se Olívia tivesse sido, com um pouco do seu consentimento, submetida a uma “cirurgia” na qual lhe extraíram parte do coração, da humanidade. Assim, grande metade do que ela era, uma metade impregnada de alma, deixou de existir. O ser humano é tão fantástico que consegue sobreviver mesmo em face dessas tragédias. Ela levou as mãos ao rosto e chorou inconsolavelmente. Sentiu saudade da Olívia de antes. Não é que odiasse tudo o que construiu, afinal sonhou formar, um dia, uma família, viveu bons momentos com a que formou e os seus filhos são ótimas pessoas. O problema está na execução, no modo como precisou se empenhar para cuidar de todos. Um modo mais comum do que imaginamos, tão comum que é ensinado sem a necessidade de se usar uma palavra, bastando o exemplo diário, e a reação contemplativa dos outros a ele.

Enxugou a face com a camiseta e virou-se para o espelho. Posteriormente, tirou todas as peças do corpo e desprendeu o cabelo. Olhou-se dos pés à cabeça, dessa vez fez como um observador diante de uma escultura, ou um desconhecido de si mesmo. Pés grosseiros e inchados. Nas pernas, galhos de varizes a se multiplicarem. Barriga ligeiramente saliente. Distraiu-se e fitou o rosto. As olheiras profundas ofuscaram a íris cor de mel. No semblante, há linhas, rugas, manchas. Tocava o rosto flácido quando, refletindo na superfície lisa do espelho, viu uma jovem de cabelos negros olhando da janela o luar. Olívia se virou e ficou olhando para ela por um instante. Emocionada, ela chamou: Olívia. Olívia, ei, psiu. E as duas se olharam até uma se ocultar no cômodo.